

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

LETICIA DE OLIVEIRA NAVARRO

**AUTISMO E PSICOLOGIA ANALÍTICA:
Reflexões a partir da análise da autobiografia “O que eu Nunca
Disse Antes”**

**SÃO PAULO
2018**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA**

LETICIA DE OLIVEIRA NAVARRO

**AUTISMO E PSICOLOGIA ANALÍTICA:
Reflexões a partir da análise da autobiografia “O que eu Nunca
Disse Antes”**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação do prof. Guilherme Scandiucci.

**SÃO PAULO
2018**

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu primo Guilherme, que foi o motivo de eu ter entrado em Psicologia e a cada dia me ensina a ver o mundo com olhos diferentes, com mais amor, paciência e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por me acompanhar e me proteger desde sempre e ter me guiado nessa jornada, me dando forças e inspiração. Agradeço aos meus pais que me possibilitaram a oportunidade de estudar em uma das melhores universidades do Brasil e me apoiaram em cada passo. À minha família, que fez parte da minha criação e me ensinou a nunca desistir e acreditar nas minhas ideias e em mim mesma. Ao meu namorado, que sempre ficou do meu lado, acreditou em mim e me apoiou.

Agradeço à PUC e a tudo o que a PUC me proporcionou. Ao meu orientador que acreditou no meu tema e contribuiu questionando e acrescentando sempre que necessário. Aos meus amigos que me trouxeram diversão, distração e conselhos. E às pessoas que lutam pela inclusão, acreditam que todos tem espaço no mundo e estão diariamente fazendo isso acontecer.

EPÍGRAFE

“A normalidade é conceito mais absurdo da cultura neurotípica. Quem lhes disse que vocês são normais e nós não? Quem lhes dá o direito de traçar uma cerca invisível e determinar quem está dentro e quem está fora, excluído?”

(Federico De Rosa)

RESUMO

Autora: Letícia de Oliveira Navarro

Título: AUTISMO E PSICOLOGIA ANALÍTICA: Reflexões a partir da análise da autobiografia
“O que eu Nunca Disse Antes”

Ano: 2018

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Scandiucci

O objetivo deste trabalho é fazer uma leitura do Transtorno do Espectro Autista a partir da Psicologia Analítica. Para isso, foi utilizado o relato feito pelo jovem com autismo, Federico de Rosa, em sua autobiografia. Utilizando de teorias pré-existentes sobre o autismo na psiquiatria e na Psicologia Analítica e somando com novas hipóteses a partir do que foi observado no relato do autor foi possível coletar dados relevantes. A teoria de que a vivência arquetípica do autista é a do Caos Primordial esteve em concordância com o que o autor relata em sua autobiografia. O mesmo ocorreu com a teoria de que existe um déficit na função matriarcal. Somado a isso, hipotetizou-se que Federico De Rosa experiencia o mundo a partir de uma vivência da *participation mystique* e que, apesar de suas dificuldades afetivas, ainda possui Eros como princípio de relação. Ambos conceitos, baseados na Psicologia Analítica, são relatados e confirmados a partir da experiência relatada por De Rosa.

Palavras-chave: Autismo; Psicologia Analítica; Autobiografia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
MÉTODO	10
1. IDENTIFICANDO O TEA.....	11
1.1 Contextualização.....	11
1.2 Sintomas e características	14
2. A VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA.....	17
2.1 A teoria dos arquétipos	17
2.2 A constituição da psique	19
2.3 Funções matriarcal e patriarcal	22
2.4 Alteridade e espiritualidade.....	23
3. O QUE DIZ QUEM TEM AUTISMO.....	24
3.1 Caos	25
3.2 Participação Mística	28
3.3 Afeto.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS	48

INTRODUÇÃO

Para o presente trabalho, escolhi fazer uma breve apresentação do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e como este é visto pela Psiquiatria e pela Psicologia Analítica, seguido pela análise da autobiografia de Federico De Rosa “O que eu nunca disse antes: eu, meu autismo e no que acredito”. A autobiografia foi escrita em 2016 e nela De Rosa conta sua experiência como uma pessoa autista vivendo em um mundo “neurotípico” (termo utilizado para descrever todos que se encontram dentro do padrão de normalidade estabelecido pela sociedade).

“Autismo” vem do grego *authos*, que significa “por si próprio”. Por autista entende-se alguém retraído e fechado em seu próprio mundo. São pessoas que têm em comum o extremo isolamento, o desejo pela preservação da mesmice, comportamentos incomuns e déficits graves nos relacionamentos sociais. A dificuldade, ou até impossibilidade de se relacionar com o outro, é uma das características mais marcantes nas pessoas autistas, causando angústia nos familiares e terapeutas, que muitas vezes se sentem em um beco sem saída.

Tive a possibilidade de conhecer pessoas com autismo em diversos âmbitos da minha vida. É muito interessante ver como elas possuem comportamentos tão diferentes e às vezes me sentia muito confusa sobre o motivo desses comportamentos. Qual a causa e o sentido de características tão incomuns?

O livro de Federico de Rosa traz uma nova visão do que é ser autista e viver com autismo, pois diz respeito a experiência do sujeito que a vive. O que é analisado neste trabalho não é o Transtorno do Espectro Autismo como psicopatologia e não pretendo generalizar a experiência de Federico para todos que estão dentro deste espectro. A intenção é observar o que pode ser encontrado na fala dele que pode ajudar na compreensão deste transtorno, assemelhando-se ou diferindo do que já foi apontado como sintoma. Principalmente, o que estou procurando é apreender algo da experiência de De Rosa que o estudo teórico não é suficiente para ensinar.

É importante considerar que, por mais que a experiência de De Rosa seja enriquecedora para a compreensão do TEA, deve ser contextualizada. Federico teve acesso a recursos e a tratamento profissional desde pequeno, além do seu autismo ter sido diagnosticado muito cedo. É provável que isso tenha contribuído para um quadro com uma evolução tão notável.

Quanto mais acesso a recursos e mais cedo o diagnóstico for feito, maior a chance de evolução no quadro autístico, porém poucas pessoas têm acesso a esse tipo de tratamento. Isso não invalida a experiência de De Rosa de maneira alguma, apenas contextualiza o sujeito e o ambiente que estamos estudando.

A abordagem teórica que irá guiar este trabalho será a da Psicologia Analítica. O TEA será investigado a partir da experiência relatada por Federico a partir de conceitos da Psicologia Analítica que se relacionam com o caso. Além disso, também foi considerada a construção epistemológica científica da Psiquiatria.

No primeiro capítulo irei falar sobre como o autismo é identificado, utilizando principalmente teorias da educação e da psiquiatria. No capítulo seguinte, o que será trazido é como a Psicologia Analítica vem tratando o autismo. O terceiro capítulo será composto por uma relação entre os conceitos da Psicologia Analítica e a autobiografia escrita por Federico De Rosa.

Este trabalho é relevante para a sociedade e para a comunidade acadêmica por trazer uma outra visão sobre o TEA. A visão que será priorizada aqui é a de quem vive o mundo autista. Por mais que o trabalho de estudiosos, psicólogos, médicos, psiquiatras e educadores seja extremamente valioso e importante – além de ser a base teórica para esse trabalho – a experiência de Federico de Rosa será o que terá mais importância. Por trazer um olhar a partir de outro ângulo para um assunto que já foi muito estudado, talvez este trabalho possa trazer luz sobre questões que antes não eram observadas. Também é possível que olhemos para o sujeito com TEA de um modo diferente, com mais empatia e compreensão, a partir do momento em que conhecemos sua luta e seus pensamentos.

O melhor jeito de saber como ajudar uma pessoa é perguntando a ela. Muitas vezes indivíduos que se encontram no espectro não podem nos dizer por barreiras da linguagem. Mas Federico De Rosa conseguiu quebrar esta barreira através da escrita e consegue contar a sua experiência, com um grande grau de autoconsciência. Já que esses dados existem, a utilização deles pode somar ao conhecimento já existente sobre como pessoas “neuroatípicas” funcionam e como podemos tornar o mundo mais inclusivo a elas.

MÉTODO

O propósito deste trabalho é investigar o Transtorno do Espectro Autista sob as óticas da Psicologia Analítica e de quem o vivencia. É uma pesquisa exploratória para a obtenção de melhor compreensão sobre como o TEA funciona a partir destas perspectivas.

Será uma pesquisa qualitativa, a partir de uma revisão bibliográfica sobre o tema com base em autores e trabalhos que possibilitem o aprofundamento no assunto. Dividirei o trabalho em três tópicos para desenvolver alguns aspectos que serão fundamentais para a compreensão do assunto.

Os dados serão obtidos a partir da pesquisa e leitura de autores, trabalhos, textos e livros sobre o assunto tema principal (TEA e Psicologia Analítica). Os dados serão apresentados em três capítulos.

O primeiro capítulo será composto por uma abordagem de caráter majoritariamente psiquiátrico, apresentando os sintomas e características que constituem o espectro autista.

O segundo trará como este espectro é visto pela psicologia analítica em sua constituição psíquica. Para isso, utilizarei o conceito de arquétipo na visão de C. G. Jung e Andrew Samuels; a teoria da constituição da psique formulada por Neumann e os conceitos de função materna e função paterna trazidos por Ceres Alves de Araújo.

O último capítulo será constituído pela análise da autobiografia de Federico de Rosa, em que o autor conta sua vivência como autista desde suas primeiras memórias até o momento em que escreve o livro como um jovem adulto. A análise será feita utilizando a perspectiva da psicologia analítica. Para isso utilizei a teoria de Suely Engelhard sobre a vivência arquetípica do autista em um mundo caótico e a constelação da imagem arquetípica da Mãe Terrível; o conceito de *participation mystique* ou participação mística de C. G. Jung e a teoria que afirma Eros como o princípio das relações humanas trazida por Aldo Carotenuro.

A maior limitação desta pesquisa é a pouca quantidade de referências que cruza os temas TEA e Psicologia Analítica. A Psicologia Analítica como abordagem não tem como foco prioritário o estudo do autismo, sendo poucos autores os que se propuseram a fazer isto. Porém, isto não significa que os conceitos já existentes nesta abordagem não poderão ser úteis e aplicáveis no trabalho.

1. IDENTIFICANDO O TEA

1.1 Contextualização

Rosenberg (2011) relata que no início do século XX existiam em diversos países da Europa o conto dos *changeling*. Esta história fala sobre uma criança raptada por fadas ou gnomos e substituída por outra criança, fisicamente idêntica, mas com personalidade completamente diferente. Essa troca aconteceria precocemente e a mãe não notaria imediatamente, mas ela perceberia que a criança não possuiria mais afetividade. Depois da troca, a criança somente gritava, agredia e ignorava a mãe. Os contos relatam os raptos como sendo somente de garotos. Para o autor, os principais critérios a serem destacados nestes contos de fadas são: a) a mudança repentina no início da vida do bebê e b) a mudança no comportamento verbal.

Mesmo antes de o autismo ser oficialmente reconhecido como um transtorno, casos de crianças com características autistas foram relatados. Um exemplo clássico, é o caso de *Victor de Aveyron*, encontrado com 12 anos de idade vivendo com lobos em 1801. Este apresentava sintomas que atualmente o enquadrariam no Transtorno do Espectro Autista. Diversos médicos e pedagogos já descreviam crianças com TEA antes de existir maior lucidez em torno deste espectro. Estes profissionais descrevem, no geral, crianças que não eram como as outras. Tem-se também o caso de *Kaspar Hauser*, que viveu em isolamento por grande parte de sua vida e surgiu na Alemanha aos 16 anos, não sabendo viver em sociedade de modo visto como adequado. (Ibid., 2011)

Rosenberg (2011) faz um levantamento de como o autista era retratado no campo literário antes da configuração do TEA. A figura da “criança idiota” é a que representava o autista. Vale ressaltar que neste caso a palavra idiota tem seu significado ligado à sua origem etimológica, do grego *idyis*, que significa “isolado, à parte.” Como exemplo temos o poema *The Idiot Boy* de William Wordsworth (1815) no qual descreve “o amor de uma mãe por um menino que não sabe retribuí-lo”. (Ibid., 2011, p. 21).

Joseph Conrad descreve em *Tales of unrest* (1898) uma criança que não sorria, não falava, não esticava os braços para a sua mãe e, ao mesmo tempo em que olhava fixamente para tudo, não reconhecia nada. Maximo Gorki (1921) descreve, com grande afeição, um personagem que não compreende o sentido da vida ou da morte

e apresenta dificuldades em estabelecer contatos afetivos. Mesmo assim, vai sempre em direção aos que gostam do seu jeito de ser, vivendo a vida de forma irreal e despreocupada. O personagem Liev Nikolaievitch Michkin em *O Idiota* de Fiodor M. Dostoievski (1869), representa uma das figuras mais ambíguas e místicas entre seus personagens. Para Rosenberg (2011),

Se questiona se esse personagem seria um epilético, um retardado mental, um louco ou um idiota. Porém, ninguém fugia aos efeitos de sua presença, tendo em vista que ele provocava, no íntimo de cada um, amor, atração, zombaria ou ódio. Mas sempre uma reação, nunca indiferença. (p. 22)

Em 1943, Leo Kanner, citado por Rosenberg (2011), publicou a obra “Distúrbios Autísticos do Contato Afetivo” que descreve o caso de onze crianças – 8 meninos e 3 meninas – com idades variando entre 2 anos e 4 meses a 11 anos. Essas crianças possuíam em comum o extremo isolamento, o desejo pela preservação da mesmice, déficits de relacionamento social, comportamentos incomuns, déficits na comunicação e boa memória. A conclusão do artigo de Kanner é a de que estas crianças vieram ao mundo com uma inabilidade inata para criar laços afetivos com outras pessoas.

Donvan e Zucker (2016) relatam que em 1948, Kanner se torna o responsável pelo nascimento da teoria das “mães geladeiras”. A partir de então o autismo começou a ser estudado e diagnosticado ao longo do mundo, porém na maioria das publicações dizia-se que era causado por mães que não amavam seus filhos. Por muitos anos Kanner negou, dizendo que o mito da mãe-geladeira foi um mal-entendido e que ele havia sido citado incorretamente.

O mito das mães frias como causadoras do autismo em seus filhos já foi desmentido e desvalidado cientificamente, porém por muito tempo as mães de autistas sofreram com esse estereótipo e isso causa consequências até hoje. O TEA é um transtorno que tem seu início nos primeiros meses de vida, porém sua causa ainda é desconhecida. Se a mãe possui alguma responsabilidade na construção de um indivíduo autista, deve-se frisar a diferença entre responsabilização dos pais e culpabilização. A culpabilização não irá trazer contribuições para o desenvolvimento da criança ou da família. A responsabilização pode levar a uma autocrítica e possivelmente a uma mudança de comportamentos.

Em 1952 o autismo foi apresentado como um subgrupo da esquizofrenia infantil pela primeira edição do DSM (Manual Diagnóstico e Estatístico de Doenças Mentais). Em 1978, Michael Rutter classifica o autismo como um transtorno e não mais um

subtipo da esquizofrenia e em 1980 o termo Transtornos Invasivos do Desenvolvimento é adotado pelo DSM-III para se referir às múltiplas áreas afetadas pelo autismo. Lorna Wing desenvolve os conceitos Espectro Autista e Síndrome de Asperger, em 1981. Em 1994, o DSM-IV adota novos critérios para o autismo, incluindo casos mais leves e funcionais.

Atualmente, no DSM-V, os subtipos dos Transtornos de Espectro do Autismo foram eliminados e os sujeitos são diagnosticados em um espectro com diferentes níveis de gravidade. Esse espectro é denominado Transtorno do Espectro Autista (TEA) e a criação deste espectro gera um aumento no número de autismos.

1.2 Sintomas e características

São três as características principais dos Transtornos do Espectro Autista (TEA): interação social prejudicada, dificuldade na comunicação social e padrões repetitivos de comportamento. O TEA tem início precoce, as primeiras manifestações dos sintomas devem aparecer antes dos 36 meses de idade. De acordo com o DSM-V (APA, 2014), a prevalência de autistas nos Estados Unidos é de 1%, com uma incidência cinco vezes maior nos meninos do que nas meninas. No Brasil, estima-se que existam 2 milhões de autistas.

A interação social prejudicada é o critério fundamental para identificação do autismo e compreende, entre outros, anomalias nos comportamentos não verbais. Como exemplo tem-se: (1) ausência de contato visual e expressões faciais, (2) violação da distância de espaço pessoal e (3) dificuldade na compreensão do uso de gestos e da linguagem corporal. Além disso, também existe falta de relacionamentos com outros indivíduos da mesma idade, que se apresenta através do isolamento social, procurado ou não pela criança. (SURIAN, 2010)

Nas relações sociais é fundamental que ocorra a atribuição de estados mentais entre os indivíduos envolvidos. Para a compreensão entre as pessoas, é necessário que ocorra o entendimento de uma categoria de fenômenos (ações e expressões emotivas, por exemplo) e a antecipação destes graças ao uso de conceitos abstratos via teoria da mente. É a partir disso que as crianças com desenvolvimento típico conseguem antecipar e compreender as ações de outra pessoa. No caso do TEA existe um déficit na teoria da mente. (ARAUJO, 2011)

Nesse âmbito, existe nas pessoas com autismo uma falta de reciprocidade social e emotiva. Ou seja, falta de sentimentos de empatia ou apoio emocional. Surian (2010) define empatia como:

...a capacidade de não somente reconhecer, raciocinar e atribuir corretamente estados mentais a outras pessoas, ou antecipá-los com base em considerações sobre situações que podem provocá-los. A empatia demanda também reagir de modo apropriado e espontâneo a tais estados mentais, em especial àqueles emotivos. (p. 69)

Logo, se a pessoa não possui a capacidade de atribuir estados mentais complexos ao outro, ela dificilmente conseguirá reagir empaticamente. Por estados

mentais complexos, entende-se emoções além das emoções básicas (felicidade, tristeza, medo, raiva e surpresa), como por exemplo vergonha e orgulho.

A ausência de contato visual é explicada pela falta de motivação para observar os olhares e procurar compreender as diversas emoções que estes passam. Tais comportamentos estão associados a um déficit para apreender os conceitos relacionados aos conteúdos da mente. Sempre que algum conceito psicológico complexo estiver envolvido, o déficit na teoria da mente irá se manifestar. (SURIAN, 2010)

A sensação é a de que a criança com autismo não percebe ou não se importa com o outro, por isso o bebê não troca olhares com os pais, não sorri para a mãe, não responde quando é chamado e se mostra indiferente quando os pais vão embora. Estes comportamentos, assim como outros, serão discutidos mais adiante. Por hora, pode-se afirmar que, para o autista, quando o outro é percebido, é como ameaçador e incompreensível.

Para o diagnóstico do TEA, também é necessário que haja uma carência constante na comunicação. A mais marcante é a ausência ou retardo na fala, característica presente em 70% da população com TEA, segundo Surian (2010). Outra delas é a dificuldade para iniciar ou continuar uma conversa. Pessoas com autismo dificilmente irão iniciar uma conversa sem serem estimuladas a isso. Quando estão conversando não parecem mostrar interesse em continuar a conversa e, quando o fazem, é de maneira desajeitada.

Outra característica referente à comunicação é o uso repetitivo da linguagem, como a *ecolalia*, por exemplo, que é a repetição de frases ou palavras ouvidas em outras circunstâncias. A pessoa pode também criar palavras novas, como palavras representando os barulhos que foram ouvidos em outros lugares. (SURIAN, 2010)

A falta de imitação e jogos de fantasia é a última característica dentro deste conjunto. O que parece faltar no indivíduo com TEA é a capacidade de representação. Ocorre uma dificuldade na distinção entre acreditar em alguma coisa e fazer de conta que algo seja verdade. Essa capacidade de distinção é o que permitirá que a pessoa evite conclusões equivocadas em diversos aspectos da sua vida. A criança com TEA não conseguirá participar de jogos de fantasia justamente por não conseguir fazer essa distinção, devido à sua incapacidade de representação. (Ibid., 2010)

Por fim, tem-se como característica os interesses estereotipados e muito restritos aparentemente com intensidades “anormais”. Além disso ocorre também uma dificuldade em sair da rotina, reagindo negativamente a mudanças no ambiente e nas atividades cotidianas. A pessoa autista irá apreciar a previsibilidade nos acontecimentos e irá sentir prazer na repetição de atos simples e percursos familiares. (Ibid., 2010)

A característica de restrição de interesses, comportamentos repetitivos e aderência a rotinas e rituais pode ser explicada por um distúrbio nas funções executivas. As funções executivas são responsáveis pela flexibilidade ao lidar com diferentes situações. É identificada na pessoa autista uma dificuldade para inibir respostas persistentes e desenvolver novas estratégias e respostas. (Ibid., 2010)

Também são percebidos mecanismos motores e movimentos estereotipados nas pessoas com autismo, estes são as estereotipias: movimentos e ações simples e repetitivos que aparecem mais em momentos de angústia ou dificuldade. (Ibid., 2010)

Além disso, existe na pessoa autista uma percepção e interesse para o detalhe e não para o todo. Isso se aplica a feições de pessoas, percepção dos lugares, etc. Surian (2010) apresenta a teoria da coerência central, formulada por Frith, que explica essa característica como uma falta de integração das partes. A pessoa autista é capaz de identificar um objeto, mas não considera o contexto no qual este está inserido.

A tendência à repetição também pode ser explicada por essa teoria, partindo da ideia de que ao realizar a repetição o autista se prende ao detalhe, perdendo de vista o objetivo usualmente atribuído à tarefa. Assim, ações repetitivas, que podem parecer entediante para uma pessoa neurotípica, acabam sendo prazerosas para o autista. (Ibid., 2010)

2. A VISÃO DA PSICOLOGIA ANALÍTICA

2.1 A teoria dos arquétipos

Samuels (1989) relata que Jung se inspirou nas ideias de Platão, Kant e Schopenhauer para criar a teoria dos arquétipos. Primeiramente chamadas de *imagens primordiais* (em 1912), o termo refere-se a imagens de padrões não originados a partir de percepções, memórias ou experiências conscientes. Essas imagens primordiais se originam do inconsciente coletivo e são responsáveis pelas fantasias primitivas.

O inconsciente coletivo pode ser entendido como uma representação do mundo construída desde os primórdios. É nesta representação de mundo que as imagens primordiais se cristalizaram. “Para Jung, as imagens pareciam refletir modos universais de experiência e comportamento humano.” (SAMUELS, 1989, p. 42).

Em 1919, o termo *arquétipo* é introduzido por Jung pela primeira vez. Por arquétipo entende-se potencialidade de criação de imagens, herdadas de gerações anteriores, a partir de experiências pré-históricas. O que é herdado não é o conteúdo das fantasias – que se altera dependendo do tempo histórico e do ambiente – mas a forma e o padrão destas. A partir de 1946, Jung começa a fazer a distinção entre arquétipo e imagem arquetípica, afirmando que o arquétipo é incognoscível e nunca será consciente, apenas interpretado a partir de suas imagens arquetípicas. (Ibid., 1989)

Em relação ao desenvolvimento infantil, Samuels (1989) afirma que “a maneira como o bebê apreende sua experiência é estruturada por formas arquetípicas inatas que o forçam a sair em busca dos elementos correspondentes no meio ambiente” (p. 45). Esta troca entre as estruturas inatas e o mundo externo poderá ser positiva ou negativa e isso irá ser determinante para um desenvolvimento saudável ou patológico. A partir disso, tem-se a polaridade dos arquétipos, que se encaixam em aspectos negativos ou positivos de experiências e emoções. Um desenvolvimento não patológico irá evitar que ocorra uma concentração em apenas um pólo do eixo positivo-negativo, facilitando que o ego tolere a ambivalência e aceite sentimentos de amor e ódio.

Os principais arquétipos são: a *persona*, responsável pela nossa relação com o mundo social; a *sombra*, que compreende os conteúdos que não são aceitos pela

consciência; *anima* e *animus* que representam o feminino no homem e o masculino na mulher; e o *self* que é o arquétipo mais profundo, responsável por organizar todas as outras experiências arquetípicas. Uma outra abordagem proposta é de que existem quatro tipos de arquétipos: os arquétipos “superficiais” (*persona* e *sombra*), os arquétipos da “alma” (*animus* e *anima*), os arquétipos “do espírito” (o velho sábio, homem e mulher) e o *self*. (Ibid., 1989)

Hobson (1961), citado por Samuels (1989) propõe quatro critérios para identificar uma imagem arquetípica. São estes:

o material deve ser específico, ocorrer regularmente em diferentes pessoas e também no material de uma pessoa; as imagens devem aparecer em diferentes culturas e em épocas diferentes; deve haver um significado semelhante sempre e em todo lugar que a imagem aparece; não deve haver possibilidade de as imagens serem *adquiridas* por meio de aculturação (p. 52)

Em relação às bases biológicas do arquétipo, Stevens (1982), citado por Samuels (1989) sugere que os arquétipos são localizados e transmitidos via DNA. Já Rossi (1977), também citado por Samuels (1989), propõe que a localização destes seria no hemisfério cerebral direito. Segundo ele, “o hemisfério esquerdo é equipado com um processador de informações crítico e analítico, enquanto o hemisfério direito opera na forma de ‘gestalt’.” (p. 58)

Os arquétipos são tão numerosos quanto as possibilidades humanas e estão no cerne de todo conteúdo psíquico humano possível. Todos temos mãe, mas assim como não existe um nariz igual ao outro não existe uma mãe igual a outra. A pré-disposição arquetípica para constelar o arquétipo materno e a mãe que a vida nos dá são coisas diferentes. A pré-disposição arquetípica está disponível para todos, porém sua contraparte no mundo real pode ser desde o vazio até uma mãe extremamente amorosa.

Tudo o que desempenha funções maternas na vida de alguém irá compor o mosaico que será a mãe. A psique precisa de flexibilidade para ser capaz de se adaptar aos fatos que ocorrem no decorrer da vida.

2.2 A constituição da psique

Para Neumann (1980), um ego integral-positivo é aquele capaz de assimilar e integrar tanto qualidades positivas como negativas (medo, raiva e dor, por exemplo) advindas dos mundos interno e externo. A mãe¹ cuida para que os fatores negativos não predominem e que sejam substituídos por fatores positivos. Desse modo, a criança assimila em seu ego a tendência integral positiva, emergindo um ego integral-positivo, que integra o positivo e o negativo, preservando a unidade da personalidade. A experiência de aceitação a partir da função materna é o que irá propiciar que a criança tenha uma experiência de aceitação do mundo e de si próprio.

A mãe é o primeiro modelo para a experiência de Self da criança e a sua constituição de psique irá acontecer com base no Self e na mãe. Naquele momento a criança ainda não consegue distinguir o que é parte de si própria e o que não é. Então projeta seu próprio Self, ou seja, sua totalidade em sua mãe. Se a projeção realizada e recebida é a da Grande Mãe, ou “Mãe Boa”, essa condição fará com que a mãe consiga compensar as crises e dificuldades de desenvolvimento da criança. (NEUMANN, 1980)

Porém, Engelhard (1990) afirma que o transtorno autista surge devido a uma ferida na vivência que permitiria à criança coincidir com o arquétipo da Grande Mãe. É constelada a imagem arquetípica da Mãe Terrível, que não provê segurança, causada por uma experiência negativa vivenciada antes de o ego ter se consolidado. A ferida nesse primeiro relacionamento causaria danos profundos no desenvolvimento da personalidade infantil, constelando na psique a imagem arquetípica do Inferno, ou Caos Primordial. A partir disso, a consciência enfraquece e começa a ruir, fazendo com que a criança mergulhe no mundo infernal do não ser.

O que está em jogo não são apenas as vivências e experiências objetivas da criança, mas também suas experiências arquetípicas. Para Neumann (1980) “é nisso que reside o significado fundamental da apercepção mitológica da criança e da interpretação característica da psicologia analítica.” (p. 62) Existe uma profunda separação entre a realidade pessoal do ser humano e o mundo dos arquétipos. As

¹Por mãe entende-se a pessoa que exerce a função materna. Tal função pode ser realizada pela mãe biológica ou por outra figura que ofereça alimento, acolhimento, proteção, carinho e cuidado. Neste trabalho irei usar a palavra ‘mãe’ ao me referir à figura que exerce a função materna, porém é importante lembrar que outras figuras podem representar este papel além da mãe biológica.

características transpessoais que irão compor as imagens arquetípicas de Mãe Boa ou Mãe Terrível, a forma como irão se reunir no corpo da mãe e como serão experienciadas pela criança, serão as fontes de felicidade ou infortúnio.

Mais experiências vividas como positivas constelam a imagem a Mãe Boa, enquanto mais experiências vividas como negativas constelam a imagem da Mãe Terrível. Isso pode ter a ver com a mãe, mas não necessariamente tem. Também está relacionado com as experiências arquetípicas do bebê e com como ele as vivencia. Um ego marcado por uma relação primal negativa é um ego ferido. Uma relação primal positiva reflete a imagem arquetípica do Paraíso, enquanto uma relação primal negativa, reflete a imagem arquetípica do Inferno. (NEUMANN, 1980)

Engelhard (1990) afirma que devido a essa ferida tão prematura, a vivência do autista é de identidade com a Sombra Arquetípica e não há uma diferenciação absoluta entre seu corpo e os objetos do mundo. O padrão pelo qual o indivíduo se relaciona com o mundo nunca é evocado de forma positiva, já que o princípio Eros (Boa Mãe) é substituído por Thanatos (Mãe Terrível). A criança se desintegra ou não chega a integrar Eu como Ego e nem o Tu como outro, mundo e Self. Se a criança não é capaz de integrar o Ego, ela não consegue criar a distinção entre eu-outro, logo, existe uma ausência do espaço de falta.

Não se cria o espaço para falta, para separação. A criança autista não cria a noção de pertencer a um outro, não desenvolve a relação eu-outro e, como consequência, não desenvolve a relação eu-mundo. Se não existe um espaço de falta entre o eu e o outro, não é possível que a criança se entristeça pela falta do outro, que ela deseje o outro. No autista ocorre uma incapacidade de sentir o desejo pelo outro, “a falta do desejo do desejo do outro”, segundo Araujo (2000). Como não ocorre o desejo pelo outro, a possibilidade de fantasiar em relação ao outro, também está prejudicada. Assim, a criança não é capaz de atribuir sentimentos, intenções e significados às interações humanas. (ARAUJO, 2000)

A primeira forma de amor, o amor de mãe, não é vivenciada pela criança. Os dinamismos matriarcais (carinho, cuidado e aconchego) não são compreendidos nem correspondidos e as experiências de estar em ligação com o outro não são representadas. Por mais que sejam crianças amadas, esse amor não é capaz de ser correspondido. (Ibid, 2000)

Jung (2002, p. 93) cita três aspectos essenciais sobre o arquétipo materno: “sua bondade nutritiva e dispensadora de cuidados, sua emocionalidade orgiástica e a sua obscuridade subterrânea.” Assim, no autismo, a falha na função materna causaria uma dificuldade, ou até impossibilidade, afetiva. A impossibilidade de constelação do arquétipo da Grande Mãe – ligado a sentimentos de bondade, proteção e nutrição – e constelação sob o seu oposto, a Mãe Terrível, levariam a pessoa a viver em um mundo sentido como hostil e intolerante.

Neumann (1980) afirma que o ego é o responsável pelo confronto da personalidade com o mundo interior e exterior. Ele cria uma unidade de consciência e previne a inundação e dissolução desta através de mecanismos de defesa, ao mesmo tempo em que se mantém aberto às impressões e influências vindas do mundo e do inconsciente. É necessária uma interação viva e flexível para que ocorra um funcionamento efetivo. Um ego negativizado torna-se rígido por excesso de mecanismos de defesa. Essa rigidez impede o desenvolvimento progressivo da personalidade e os conteúdos do inconsciente acabam se acumulando e invadindo a consciência, inundando-a. Um distúrbio na relação primal acaba por formar, portanto, uma personalidade fechada, não relacionada e antissocial.

2.3 Funções matriarcal e patriarcal

A partir desta “agenesia” da função matriarcal, Araújo (2000) afirma que se torna dominante a função patriarcal que é o da ordem, previsibilidade e lógica e será este que irá conferir suporte ao ego. Este dinamismo irá oferecer, de modo substitutivo, a possibilidade de processo de individuação para o indivíduo autista.

Aprimorando as funções lógicas e racionais, a criança com TEA irá ter mais possibilidades de adquirir conhecimento sobre o mundo social. A capacidade de estabelecer relações de causa-efeito, tornará o mundo mais previsível e, portanto, menos assustador. A constelação do arquétipo do Pai irá ordenar o mundo da criança, que buscará situações as quais ela possa decodificar, conseguindo antecipar o que irá acontecer. Diminuindo, assim, a imprevisibilidade dos acontecimentos e dando maior controle sobre a angústia. (ARAÚJO, 2000)

O ego do autista teria a possibilidade de estruturação, porém em bases diferentes do padrão. Uma estruturação baseada no arquétipo patriarcal submeteria a função afetiva à informação, à coerência e à lógica. Diferente da maioria das crianças, a ansiedade do autista não é causada pelo medo da separação, mas pelo medo da incompreensão. A criança autista não consegue ser atendida em suas necessidades por não ser compreendida, o que gera crises de desorganização. Para o autista ser compreendido e aceito é ser gostado. A constatação de desordem e do imprevisível também irão desencadear crises de desorganização, que dificilmente podem ser controladas. Assim, quanto mais preservada a inteligência da criança estiver, maiores as chances de criação de estratégias para a adaptação ao mundo externo e interno. (ARAÚJO, 2011)

2.4 Alteridade e espiritualidade

O arquétipo que irá possibilitar as relações simétricas entre os seres humanos é Anima-Animus, que é o arquétipo da alteridade, relacionado a papéis como amizade, fraternidade e conjugalidade. Segundo Araújo (2011), não se sabe se a alteridade é possível para pessoas autistas, visto a grande dificuldade que estas têm em se colocar no lugar do outro e ter empatia.

A capacidade natural de se sintonizar com o outro, de sentir a atmosfera do lugar através dos olhos e da entonação da voz, não está presente no autista, podendo muitas vezes ocorrer interações que machuquem os sentimentos alheios por falta de sensibilidade. A relação de alteridade quando um dos parceiros tem TEA será sempre assimétrica, porém a partir da estruturação via arquétipo patriarcal é possível que a pessoa autista possa aprender a se relacionar simetricamente. (ARAUJO, 2011)

Para finalizar, temos o arquétipo da sabedoria, o amor espiritual, a totalidade psíquica representada pelo *Self*. Araújo (2011) apresenta esse arquétipo como uma forma de amor que implica no amor ao todo e que conduz à busca do sentido da própria existência. As pessoas com TEA percebem Deus pela lógica e pelo intelecto, estabelecendo um apego às regras das instituições religiosas. Essas regras geralmente são seguidas de forma rígida e estereotipada, constituindo um processo religioso peculiar. Rosa (2016), irá trazer sua visão sobre a religião e essa forma de amor será discutida nos próximos capítulos.

3. O QUE DIZ QUEM TEM AUTISMO

A bibliografia principal utilizada para trazer a vivência autista neste trabalho será o livro “O que eu nunca disse antes” de Federico de Rosa. Neste livro, De Rosa (2016) conta a sua trajetória, desde o diagnóstico de autista, passando pelos seus anos pré-escolares e escolares, até seus 20 anos.

Para De Rosa (2016), escrever no computador foi a alternativa encontrada para a sua limitação oral. Ele afirma que o diálogo oral é muito veloz, enquanto escrever no computador lhe proporciona mais tempo para organizar o discurso. O diálogo é composto por diversos elementos, como expressões faciais e o tom da voz. Tais elementos são de difícil compreensão para os autistas.

Apesar de compreender o diálogo, ele precisa de mais tempo e calma para se comunicar, já que a condição de comunicação oral, com seus diversos estímulos e alta velocidade, acaba tornando-se ansiogênica e, muitas vezes, até bloqueadora para ele. Logo, escrever no computador se tornou uma alternativa para a comunicação. Para De Rosa (2016) a escrita representa não somente a capacidade de participar e influenciar nas situações, mas também um resgate, uma possibilidade de reconquistar sua vida.

Além de Federico, Niko Higashida e Birger Sellin foram outros indivíduos com TEA que encontraram na escrita um meio de libertação do exílio que o autismo traz. Se ao falar, Higashida parecia dizer o oposto do que queria, através da escrita ele conseguiu se comunicar fluentemente. Assim como Sellin, que por este meio, pôde expressar quão dolorosa é sua experiência de vida cotidiana. Segundo Bialer (2014), a escrita seria um modo pelo qual o autista pode se expressar, amenizando a angústia e concretizando processos de elaboração psíquica. Produzindo, assim, um alívio do caos de pensamentos, através do (auto)tratamento pela escrita terapêutica. A escrita permitirá que o autista organize seus pensamentos, fazendo com que eles não fiquem mais soltos, mas possam ser encadeados através do processo de escrever.

Diversas questões são abordadas em seu livro e tais questões nos possibilitam compreender melhor como o autismo atinge aos que estão envolvidos neste espectro.

3.1 Caos

Com um ano de idade, Federico de Rosa começou a perder sua capacidade de interação com a realidade. É neste período em que a relação primal está em seu ápice, quando mãe e criança funcionam como um, relacionando seus Selves numa relação de *participacion mystique* em que não existe separação.

O primeiro ano de vida da criança ainda é considerado como parte da fase embrionária. Esse período é chamado de “período uterino social” (Neumann, 1980, p. 9) e é caracterizado pelo domínio da relação primal com a mãe, que irá representar tudo o que a criança irá apreender do mundo e do ambiente que a cerca. Essa relação primal é sobretudo uma relação entre inconscientes. Aqui devemos levar em conta o que Jung (1981) diz a respeito da formação da personalidade, afirmando que antes do surgimento da consciência, o inconsciente coletivo já existe.

A criança é uma combinação de fatores coletivos, que não são observáveis nos adultos. Antes da formação do “eu”, da diferenciação entre mãe e criança, a psique infantil não está vazia e sem conteúdo. O que se encontra presente neste momento são os conteúdos mitológicos do inconsciente coletivo. Para Jung (1981), “trata-se aqui, pois, dos últimos vestígios de uma alma coletiva em desaparecimento, que, ao sonhar, repete os eternos conteúdos primordiais da alma da humanidade.” (p. 40) Esta psique formada pelo inconsciente coletivo, ainda indiferenciada, é capaz de perceber o bem e o mal existentes nas profundezas humanas.

Através da formação da consciência, esta imensidão inconsciente que existe na alma da criança irá desaparecer da percepção e se esconder no inconsciente coletivo. Porém, se na psique do autista existe esta ferida tão primária no desenvolvimento da consciência, pode-se hipotetizar que a pessoa com autismo continua vivenciando a imensidão da psique inconsciente infantil ao longo da vida. Isso faria com que a pessoa com TEA não consiga constituir uma psique consciente, mantendo sua psique infantil, mesmo com o seu corpo físico crescendo.

Isso é observável no relato de De Rosa (2016) quando ele afirma que apesar de possuir mais de 20 anos ainda conserva algo de infantil no rosto. Também percebemos a presença dessa infantilidade quando o autor afirma “... mas também gosto de desenhos animados na TV, coisas que vocês, neurotípicos, gostam apenas quando são crianças.” (DE ROSA, 2016, p. 22)

Segundo Neumann (1980), nesta fase, a criança ainda não possui uma personalidade delimitada o suficiente para confrontar o meio ambiente e vive no corpo da mãe. O seu desenvolvimento ocorre dentro da realidade materna. Mesmo após o seu nascimento, parte da criança ainda está guardada na relação embrionária primal com a mãe. Esse processo só se completa, ou seja, a criança só irá tornar-se uma totalidade individual, após o primeiro ano de vida. Para o autor,

... os mundos parciais do interior e do exterior, do mundo objetivo e da psique não existem. Nessa fase embrionária pós-natal, a criança ainda está contida em sua mãe, apesar de seu corpo já haver nascido. Nessa fase, o que existe é uma unidade primária composta da mãe e filho. (p. 12)

Seguindo o pensamento de Neumann (1980), a extensão da imagem corporal e do mundo interno da criança são tão ilimitados e fundidos com o mundo que podem ser chamados de cósmicos. Se essa relação primal é positiva a criança se mantém em repouso, em uma situação paradisíaca, caracterizada pelo mínimo de desconforto possível. Assim como estava protegida no útero, aqui a criança estará protegida pela existência materna. Porém, se por algum motivo, a relação primal é perturbada, o paraíso se transforma em caos e o contato com o mundo é perdido.

É neste momento de *participation mystique* e vivência da relação primal, que Federico vai perdendo a capacidade de interceptar olhares e demonstrar interesse pelo que acontece ao seu redor. A interação com o outro e a realidade externa não lhe despertam mais interesse. Parece que o mundo, o outro, não conseguem se inscrever na vida de Federico. De Rosa (2016) descreve essa experiência:

Eu sentia muita angústia, uma raiva imensa, frequentemente era dominado por uma ansiedade que não conseguia comunicar. Ao meu redor eu via as faces se deformando, mas somente muito mais tarde fui capaz de identificar um sorriso ou uma expressão de decepção. Ainda hoje, para fazer isso, tenho que me concentrar. (p. 35)

Podemos relacionar essa passagem a teoria de Engelhard (1990), que relaciona a vivência da criança autista com a vivência do Inferno, ou Caos Primordial. A relação primal desta criança é negativa, não constelando uma situação paradisíaca de conforto e acolhimento (propiciada pela imagem da Grande Mãe Boa). O que é constelada é a imagem da Mãe Terrível, que leva à imagem arquetípica do Inferno. Esta é marcada pela fome, pela dor, pelo desamparo e total solidão. O abrigo, o

alimento, a proteção, o calor e o afeto que a imagem arquetípica da Grande Mãe também deveria proporcionar não estão lá, existe somente um sentimento de vazio e de “queda livre no vácuo do abandono e no terror do vazio sem fundo” (Neumann, 1980, p. 62).

Isso não indica necessariamente uma incapacidade materna de oferecer essas qualidades, é possível que exista uma impossibilidade autista de constelar a imagem arquetípica e coincidir com o arquétipo, ou ambos.

O discurso de De Rosa (2016) nos leva a este lugar de desamparo, solidão e incompreensão, ao trazer as situações do mundo externo como incompreensíveis para ele:

As percepções sensoriais eram tão intensas que se tornavam dolorosas, e eu era dominado por uma cascata de estímulos desordenados. Entender alguma coisa seria como montar um quebra-cabeça de mil peças enquanto se está subindo e descendo numa montanha-russa (p. 33).

Segundo ele, ser autista é uma experiência existencial o tempo todo, beirando uma crise. A própria experiência de ser autista acaba sendo aterrorizante, uma prisão no incompreensível. O autor se mantém na relação primal, em que o mundo externo ainda não existe, porém esta não é uma relação primal paradisíaca, que vai lhe trazer conforto, mas uma relação que traz extrema angústia.

O autor relata que por muito tempo não compreendia nada e vivia em um constante estado de pânico. A realidade se apresenta para ele como algo do qual ele não poderia compreender e nem participar. Não apenas ele não conseguia entender o mundo em que vivia, como também não era capaz de se fazer entendido, o que fez com que por muito tempo ele se sentisse completamente perdido.

Não podemos nem imaginar, creio, o terror que atormenta aqueles que nunca foram capazes de tomar um caminho parcial de reabilitação e sentem há anos a impossibilidade de sair da prisão do incompreensível. Não me espante que alguns deles gritem de terror somente por serem tocados. Talvez não compreendam o porquê do surgimento em sua mente da percepção do toque e não entendam como, do magma do mundo externo, chegue naquele momento essa percepção que antes não existia. (p. 105)

Quando consegue sair dessa prisão do incompreensível, Federico relata um medo constante de que possa retornar a isso. Atualmente, cada vez mais consegue se comunicar e compreender o mundo neurotípico, porém ele relata um grande temor de que sua condição algum dia o leve novamente ao “pântano do incompreensível” (De Rosa, 2016, p. 104)

3.2 Participação Mística

Roy Joseph Vana (1986), fez um levantamento do que Jung já escreveu sobre *participation mystique* ou “participação mística”. O termo *participation mystique* foi criado pelo antropólogo Lévy-Bruhl e utilizado pela primeira vez por Jung em *Símbolos da Transformação*, escrito e publicado em 1911-12. Participação mística descreve o desenvolvimento da mente humana como um coletivo cultural, ao mesmo tempo em que se refere ao desenvolvimento da consciência humana individual, a partir de um coletivo a priori no qual ela está contida e com o qual é originalmente idêntica (inconsciente coletivo).

Para Vana (1986), participação mística é um estado primário de não-diferenciação. Significa que o sujeito não consegue se distinguir do objeto, estando ligado a ele por uma relação direta resultando de uma identidade inconsciente a priori. Essa identidade é uma característica da mentalidade primitiva e é o fundamento da participação mística, fruto de um estado inconsciente primordial. Caracteriza o estado psíquico da primeira infância. A pessoa guiada pela participação mística não faz distinção entre os objetos em si e a ideia que se tem deles.

Jung (1976) afirma que na participação mística todo o funcionamento psicológico do indivíduo é exteriorizado, idêntico às coisas e as coisas são a sua mente. Os pensamentos estão espalhados como uma rede por todo o lugar. Ele explica que um dos traços marcantes do homem arcaico é a projeção que faz dos conteúdos através da participação mística. Os acontecimentos psíquicos são projetados tão completamente que o que é externo e interno não pode ser distinguido.

De Rosa (2016), na passagem a seguir, relata sua busca por uma relação unificada e espiritual, segundo ele. Essa relação parece ser um tipo de relação guiada pela *participation mystique*. Segundo o autor,

... diante de um ser humano que caminha, trabalha, vive ao nosso lado, podemos conciliar o silêncio das palavras e, talvez, também dos olhares, para fazer crescer uma relação apenas espiritual, tão delicada que sucumbiria sob o estrondo do falar. Aos poucos surgiria uma percepção interior do outro, pacífica, plácida e unificada. (p. 93)

A relação que ele propõe é uma relação livre de palavras e de olhares, que surge em um outro âmbito. Este âmbito é o que ele chama de espiritual, mas também

pode ser identificado como o inconsciente. A percepção interior do outro ‘pacífica, plácida e unificada’, mostra uma percepção diferente da que temos na sociedade moderna guiada pelo ego-consciência. Esta percepção parece estar sob os domínios do primitivo e do inconsciente. A relação que Federico propõe nesta passagem é uma relação entre inconscientes, uma comunicação entre psiques que dispensaria o trabalho da consciência para o seu funcionamento.

O modo de se relacionar de Federico frequentemente mistura o interno e o externo, como é relatado na relação que De Rosa (2016) tem com seu pai:

Com o tempo, comecei a perceber que o que eu experimentava, diante da beleza da natureza, o meu pai também sentia dentro dele. Não experimentávamos a dois o mesmo sentimento, mas um único sentimento, O que é algo bem diferente. Estávamos entrando na dimensão da verdadeira empatia. (p. 92)

O que De Rosa (2016) chama de “dimensão da verdadeira empatia” também pode ser chamado de participação mística. Nesse momento o que é interno sai de sua psique e se espalha pelo ambiente. Sua psique e a psique de seu pai se misturam no ambiente externo, compartilhando o mesmo sentimento.

Também podemos perceber essa projeção na relação que De Rosa (2016) tem com meninas. Ele possui uma simpatia especial por elas por acreditar que elas têm uma “capacidade especial de empatia” (p. 86), como se elas possuíssem um tipo de intuição sobre a sua prisão e seu sofrimento, “sentindo-os no coração como se fosse uma experiência pessoal” (p. 86).

Nesse momento, ele projeta algo que está em seu interior no exterior. Assim, faz com que o objeto exterior se torne idêntico ao que ele pensa em seu interior, ao interpretar que mulheres possuem algum tipo de capacidade especial para entender a condição dele. Esta projeção que ele faz, além de tudo é arquetípica, pois é uma das características da Anima (feminino), a capacidade de compreensão, empatia, gentileza, cuidado e bondade.

Federico, ao fazer esta generalização, não está separando o objeto de si mesmo. A ideia de que todas as mulheres possuem as qualidades que caracterizam a Anima é ultrapassada e já foi questionada. Estas características que ele cita como “femininas” não estão relacionadas ao sexo biológico ou ao gênero, são arquetípicas e podem estar contidas em qualquer ser humano. Ao fazer esta projeção, Federico perde a oportunidade de se relacionar com o objeto em sua totalidade, relacionando-

se com apenas uma parte deste. Por mais que seja uma projeção que muitas vezes é feita por pessoas que não possuem autismo, ela indica uma falta de contato com o objeto e uma valorização de pensamentos arcaicos em relação a este.

De Rosa (2016) também afirma que “O amor, pois, gera a fraternidade e não pode limitar-se às pessoas, mas transborda irresistivelmente para toda dimensão do criado” (p. 162). Aqui vemos, novamente, o seu pensamento se exteriorizando e se espalhando pelo ambiente externo.

Como dito anteriormente, Jung não considera que a consciência está garantida ao indivíduo. Ela surge a partir do inconsciente coletivo. A participação mística é o oposto de consciência e individualidade. A energia psíquica presente na participação mística não está sob o controle da atitude consciente. É um processo em que o indivíduo está totalmente dependente do objeto. (VANA, 1986)

Jung (1966) afirma que por nossa psique se desenvolver a partir de um estado original de inconsciência, a diferenciação é uma conquista relativamente tardia da humanidade. O inconsciente tem como base a indiferenciação, ou seja, “não há como determinar se pertence ou não a si mesmo. Não pode ser estabelecido a priori se me diz respeito, ou a outro, ou a ambos.” (p. 206)

Para Jung (1991):

Sua relação com o objeto tem um caráter coercitivo, na medida em que introjeta o objeto, isto é, se identifica inconscientemente com ele ou, por assim dizer, é a priori idêntico a ele. Levy-Bruhl denomina esta relação com o objeto de *participation mystique*. Esta identidade se estabelece sempre por uma analogia entre o objeto e um conteúdo inconsciente. Poderíamos dizer também: a identidade se realiza pela projeção de uma associação inconsciente de analogia sobre o objeto. (p. 143)

Jung (1991) afirma que a participação mística é uma projeção apriorística inconsciente, que existe desde o início, relativa a relação original do primitivo com seu objeto. Para um indivíduo regido sob a lógica da participação mística, os objetos são carregados de matéria ou força anímica e “exercem influência psíquica direta sobre as pessoas, produzindo nelas como que uma identidade dinâmica com seu objeto” (JUNG, 1991, p. 308). Este objeto, por ser animado e ativo *a priori*, não precisa da empatia, levando o sujeito à introversão devido à forte influência que exerce.

Para De Rosa (2016), as barreiras entre crentes de diferentes religiões e entre crentes e ateus devem ser derrubadas, acabando com os obstáculos que nos dividem.

O autor luta pela inclusão de pessoas diferentes e diz que isso só acontecerá no momento em que escutarmos e acolhermos “cada ser humano na sua especificidade, sem excluir ninguém” (p. 142). Segundo ele, “o amor ou é voltado para todos ou não é amor. Se o meu amor envolver toda a humanidade menos uma única pessoa, não será amor” (p. 158) e ser sábio é evitar o egocentrismo e superar a centralidade, desenvolvendo uma “visão de amor completamente compreendida pela realidade amada” (p. 162).

Podemos identificar uma visão de mundo que privilegia a unidade, a não diferenciação entre o eu e o outro, tratando todos como iguais. Mesmo considerando que alguns indivíduos possuam necessidades diferentes de outros, ele defende que todos devem ser acolhidos, nos remetendo ao um sentimento de grupalidade. O sentimento de unicidade e harmonização é privilegiado e a separação e hierarquização não. A diferenciação entre os indivíduos dá lugar a união entre eles. O que vale mais para Federico é a grupalidade.

Relativo à participação mística, tem-se os conceitos abstração e concretismo. Ao abstrair o sujeito está indo contra o funcionamento da participação mística, pois a abstração separa e quebra os vínculos com o objeto, levando ao conhecimento deste. A abstração impede que o objeto funcione independentemente ao se relacionar com a psique do sujeito. Assim, a psique utiliza-se da abstração para se proteger conscientemente contra a influência mágica do objeto. (JUNG, 1991)

Vana (1986), traz o concretismo como contrário à abstração. No concretismo as funções pensamento e sentimento se fundem com a função sensação.

O pensamento é responsável por classificar e discriminar os fenômenos a partir da lógica e da razão, avaliando objetivamente os “prós” e “contras” de cada fenômeno. Já o sentimento é a função responsável por fazer esta avaliação a partir de uma dimensão dos valores pessoais, ou seja, se tais fenômenos são agradáveis ou não. A função sensação, por fim, é a função que irá privilegiar o que é recebido via órgãos do sentido, percebendo o que nos cerca no momento presente. (RAMOS, 2008)

O conceito concreto não é separado, mas sempre ligado e relacionado a outra coisa, afetado pela percepção sensorial. Algo pensado concretamente está intimamente fusionado com outros conceitos, misturado e relacionado. Está sempre relacionado com a sensação, nunca separado de seu contexto sensorial. Estes são os pensamentos e sentimentos primitivos, arcaicos. (VANA, 1986)

Relacionando este conceito à *participation mystique*, Jung (1991) afirma que assim como o concretismo é uma mistura do pensamento e do sentimento com a sensação, a participação mística é uma mistura do sujeito com o objeto. Deste modo, não existe uma diferenciação entre pensamento e sentimento e as duas funções se tornam dependentes da sensação. Tal característica impede que a psique do indivíduo atinja uma autonomia, favorecendo somente o que é dado pelos sentidos. Isto tem grande utilidade no reconhecimento dos fatos, porém pouco valor na interpretação destes. Ao projetar os fatores internos nos fatos externos, o concretismo provoca uma supervalorização quase supersticiosa do fato.

Um exemplo do pensamento concretista de De Rosa (2016) pode ser observado quando ele explica sua relação com palavras convencionais como ‘por favor’ e ‘obrigada’. Para o autor, a utilização destas palavras em uma conversa faz com que o “nível de mecanicidade, de automatismo, se eleve enormemente e desmorone em consequência da intensidade emotiva da relação” (p. 71). Isso acontece porque a palavra ‘obrigado’ não exprime uma gratidão real, expressando apenas um uso ritualístico e mecânico. Para De Rosa (2016), o ideal seria que a frase utilizada fosse algo como “desejo agradecê-lo porque foi gentil ao me passar a caneta que eu precisava” (p. 71), já que esta frase só poderia ser dita por alguém que realmente sente o que está dizendo e seria dita olhando o semblante da pessoa com quem conversa.

Somente se a frase dita possuir intensidade comunicativa suficiente, é que De Rosa (2016) irá conseguir seguir até o fim e compreendê-la. Por ‘intensidade comunicativa’, entende-se uma comunicação autêntica, livre de “palavras óbvias, clichês” (p. 72). Caso a intensidade de comunicação caia, o autor perde a comunicação e não consegue estabelecer uma relação com o outro. De Rosa (2016) relata:

E quando os perco entro em uma espécie de pânico, porque volto ao grande trauma da minha infância, quando não entendia nada do mundo ao meu redor, não conseguia fazer-me entender e vivia totalmente perdido no incompreensível. [...] Torno-me prisioneiro de um looping, repetindo sempre a mesma palavra, como se a minha mente tivesse entrado num beco sem saída e se visse diante de um muro (p. 73)

Primeiramente observa-se que o que está afetado não é necessariamente a percepção de Federico dos fatos, mas a sua interpretação destes. Também notamos

uma supervalorização de algo que, para a população neurotípica, tem pouco ou nenhum valor.

A partir da análise do discurso, pode-se perceber que o que acontece nesta situação é uma fusão entre suas funções sentimento, pensamento e sensação. Podemos notar que quando o autor está avaliando conceitos (seja a partir da lógica ou através de valores pessoais) e esta avaliação é de alguma forma afetada pelo mundo externo – quando a lógica ou valores do outro diferem da lógica/valores dele – a sua função sensorial é abalada. Sua função sensação é perturbada de tal modo que o leva a um abismo em que o seu mundo interno se torna incompreensível e isto reflete no mundo externo. Seus sentidos são bagunçados e afetados, jogando-o em uma mistura de sensações incompreensíveis. Logo, pode-se perceber que as funções do autor não funcionam de modo independente, mas interligadas entre si, sendo que qualquer sensibilização remete diretamente à função sensação.

Ainda sobre o assunto, De Rosa (2016) afirma:

Sou totalmente incapaz de dialogar superficialmente sobre as coisas que levam vocês, não autistas, a relaxar ou a defender-se para não serem tocados profundamente. A minha forma de comunicação tende sempre à profundidade máxima. (p. 12)

Para ele, o refúgio na superficialidade não existe, já que este é acompanhado de uma desorganização sensorial. Assim, seu refúgio encontra-se na profundidade máxima.

Vana (1986) afirma que o conceito de participação mística é difícil de ser compreendido racional e logicamente, justamente por ser a antítese do estado de diferenciação e individualidade que caracteriza a consciência moderna. Nossas mentes cientificamente treinadas irão achar indesejável retornar a esse estado “primitivo” de participação mística, já que junto com a diferenciação vem a incapacidade de compreender – e até mesmo descrever – o estado de não-diferenciação. Ao tentarmos entender a unidade básica e a não-diferenciação que caracteriza o inconsciente, a partir da perspectiva e orientação de um ego individual e diferenciado, certamente sentiremos que algo está errado.

Assim como a participação mística é de difícil compreensão para o indivíduo diferenciado, De Rosa (2016) afirma que tal problema não será facilmente compreendido por um neurotípico. Isso acontece porque coloca em discussão

faculdades mentais inatas para quem não tem autismo, que funcionam sem que percebamos.

Jung (1981), afirma que:

Se começarmos a pensar que participação é um fato que significa nossa identidade fundamental em todas as coisas, seremos levados a conclusões teóricas bem fora do comum. Não convém ir muito além disso, pois tais coisas podem ficar perigosas. Mas algumas conclusões devem ser exploradas, pois podem explicar muitos fatos estranhos que sucedem aos homens. (p. 56)

3.3 Afeto

O amor recebido pelas pessoas foi fundamental para que De Rosa (2016) superasse o seu exílio autístico. Amor e afeto o que o motivaram a superar suas limitações e participar da realidade.

Porém, ao mesmo tempo em que dá extrema importância para a presença de seus amigos e familiares em sua vida, Federico relata muita dificuldade para compreender os relacionamentos e emoções e para se explicar em relação a estes.

Isso pode ser explicado teoricamente pela oposição entre Eros e Logos. A teoria proposta por Araújo (2011) afirma que no autismo a função materna está prejudicada e a individuação é realizada via dinamismo patriarcal (ou seja, os dinamismos da lei, das normas e da ordem). É um desenvolvimento em que as trocas cognitivas possibilitam as trocas afetivas, regido pela lógica, o que parece estar associado a Logos (que será melhor explicitado no decorrer deste subcapítulo). (ARAUJO, 2011)

A primeira vez em que notamos uma fala de De Rosa (2016) composta por um sentimento afetivo é quando ele fala de sua irmã. Sobre ela, o autor escreve: “É a minha irmãzinha adorada. Claro que se me envolvesse um pouco mais em sua vida eu ficaria feliz, mas acho que isso ainda vai acontecer, quando ela for mais velha”. (p. 16) Podemos notar através das palavras utilizadas (*irmãzinha* e *adorada*) que a relação estabelecida com a sua irmã não é apenas pautada em lógica, mas existe afeto. Ele também demonstra uma vontade de inclusão, de estar mais presente na vida de sua irmã e unido com ela.

Ao terminar de descrever sua família, De Rosa (2016) afirma que tentou descreve-los com afeto. Nesse momento, é possível perceber que a afetividade não é algo que ocorre naturalmente para ele. Isto é esperado para uma pessoa com autismo, já que uma das características do transtorno é o esforço para identificar emoções e transmiti-las e a dificuldade nas relações sociais.

Ao mesmo tempo em que é possível perceber a existência de um amor genuíno por sua irmã, nota-se uma preocupação em descrever sua família com afeto. Pode-se deduzir que o autor necessita de um esforço para inserir o afeto no seu cotidiano e na descrição seus familiares.

Duas perguntas surgem neste momento: A primeira é se Federico foi ensinado ao longo de sua vida, via lógica patriarcal, a identificar os seus sentimentos e a descrevê-los. A segunda é, caso o funcionamento via Logos seja privilegiado, como Eros se manifestaria?

Eros, o princípio psíquico que determina a capacidade de relacionamento. O termo surge primeiramente na teoria de Freud, também chamado de pulsão de vida. De acordo com Laplanche e Pontalis (2001) Eros é o:

Termo pelo qual os gregos designavam o amor e o deus Amor. Freud utiliza-o na sua última teoria das pulsões para designar o conjunto das pulsões de vida em oposição às pulsões de morte. (p. 150)

Jung (1987) concorda com Freud quando este afirma a existência de um impulso de vida e de morte. A meta do primeiro seria a união e a conservação de unidades e a meta do segundo a destruição destas unidades. Porém, ele afirma que a teoria de Freud comete um erro ao ser unilateral e considerar Eros em seu aspecto exclusivamente sexual.

Segundo Samuels, Shorter e Plaut (1988), Eros é o princípio responsável por tornar os seres humanos amorosos, criativos e envolvidos. É uma força inconsciente associada ao gênero feminino. Eros seria o responsável pelo “estabelecimento e a preservação de relacionamentos fundamentais” (SAMUELS, SHORTER e PLAUT, 1988, p. 33), já o instinto de morte teria como função a “anulação e destruição daquelas ligações” (Ibid., 1988, p. 33). Eros se expressa não somente no âmbito sexual, mas também nos campos biológico, estético, espiritual e como sabedoria.

Se Eros é o princípio feminino, Logos é o princípio masculino. Eros e Logos são muito diferentes e arquetipicamente determinados. Logos refere-se à racionalidade, lógica e intelecto; Eros diz respeito à capacidade de relacionamento. Seria a função de Eros unir o que foi separado por Logos. (SAMUELS, 1989)

Para Samuels (1989), apesar de Jung ter utilizado os termos “feminino” e “masculino” para definir estes princípios, tais conceitos se relacionam com termos simbólicos e fatores psicológicos, estes são independentes do sexo anatômico. Suas características são opostas e podem estar presentes em ambos os gêneros. O autor afirma que:

Logos implica interesse ativo, assertivo, intelectual, penetrante, objetivo; Eros implica o relacionar-se psíquico, passivo, submisso, emocional, receptivo. Mas existem muitos outros modos para denotar essa dicotomia básica, e nenhum deles envolve qualquer questão relativa a gênero. (p. 251)

Eros e Logos não descrevem papéis estereotipados, mas princípios arquetípicos. Eros é a atitude que valoriza a harmonia pela conciliação; favorece os relacionamentos interpessoais e a integração; dá valor a subjetividade de cada indivíduo e às preocupações de cada um. (MATTOON, 1985)

Segundo De Castro, Simões, *et al.* (1976), na mitologia Greco-Romana, Eros foi uma das divindades primordiais, pois nasceu ao mesmo tempo em que a Terra, a partir do Caos primitivo. Para os autores, “Eros é a virtude atrativa que leva as coisas a se juntarem, criando a vida.” (Ibid., 1976, p. 63). Seu papel não é somente assegurar a continuidade das espécies, mas também garantir a coesão interna do Cosmos. Para Platão, citado por De Castro, Simões, *et al.* (1976), sua origem teria sido a partir da união entre Poros (Recurso) e Pênia (Pobreza), os autores escrevem:

Sempre em busca de seu objetivo, como Pobreza, ele sabe imaginar um meio de chegar a seu alvo, como Recurso. Longe de ser um deus poderoso, é uma força sempre insatisfeita e inquieta. (p. 64)

Para Carotenuro (2005), o amor (ou Eros) relaciona-se com a dimensão mais profunda do ser, com a alma, pertencendo à esfera do indizível. É através do amor que um indivíduo vai encontrar o outro e a si mesmo. Porém, para que ocorra um estabelecimento de um relacionamento entre Eu-outro, primeiro é necessário que ocorra uma distinção entre essas duas partes.

O que pode ser observado no discurso de De Rosa (2016) é uma tendência natural para a incapacidade de diferenciação, porém com grande esforço o autor consegue administrar essa indiferenciação de modo que seja capaz de estabelecer relacionamentos. Levando em consideração toda a sua estrutura psíquica e o que foi levantado anteriormente, o questionamento a ser feito é se o autor, ao longo de sua vida, aprende a lidar com a sua indiferenciação ou aprende a diferenciar-se do mundo em alguns momentos.

A grande queixa de Federico é a dificuldade de compreender os relacionamentos e viver no mundo. Isso pode ocorrer devido a uma vivência regida pela participação mística, como hipotetizado anteriormente. Porém, este modo de

viver o mundo não é fixo. Em alguns trechos, é possível observar que De Rosa (2016) é capaz de fazer (com muito esforço) o reconhecimento do outro tanto no mundo externo, quanto no interno, desfrutando de uma vivência não caótica.

Quando De Rosa (2016) escreve “cada um desses grupos, que aqui são apenas citados, mereceria um livro por tudo que fizeram por mim” (p. 21) pode-se perceber um sentimento de gratidão e reconhecimento do esforço do outro. Neste ponto o que está em pauta não é se o sentimento “gratidão” foi apreendido via Logos ou Eros, mas a importância de apontar a capacidade do autor conseguir se distinguir dos outros (família, amigos, igreja, professores, terapeutas, etc.). Para que isso ocorra é necessário que ele reconheça o outro como um sujeito diferente dele, que trabalha para ajudá-lo em sua luta contra o autismo.

Carotenuro (2005) afirma que o ser que é o objeto de amor será o responsável por evocar no sujeito dimensões interiores profundas e particulares. Para o autor,

Como portador de um significado interior, do *meu* próprio significado, o outro se torna o único interlocutor verdadeiro, o único a quem se pode fazer perguntas e de quem se pode esperar sempre uma resposta concreta, ou melhor, a resposta. (p. 30)

O relacionamento com o outro abre a alma para outra dimensão. Não ter a possibilidade de vivenciar esta experiência é estar separado do mundo do espírito e da carne. A busca da verdade interior será estimulada pela figura do outro, que irá iluminar aspectos da existência pessoal do sujeito. O amor ativa no ser humano um trabalho psicológico, uma nova forma de conhecer o mundo. (Ibid., 2005)

De Rosa (2016) acredita que o amor é essencial na vida humana, segundo ele “somente o coração pode nos ajudar na tentativa de sondar ao menos um pouco os profundos abismos” (p. 76). Nesta frase, observa-se a importância que dá ao amor (ou *coração*) para explorar os *profundos abismos*. Considerando o que já foi trazido sobre a vivência do autista, estes profundos abismos podem referir-se tanto à indiferenciação de conteúdos internos inconscientes, quanto à incompreensão do mundo externo e social. Pode-se compreender a partir desta frase, que é com a ajuda de Eros que Federico decifra este mundo que antes era incompreensível para ele.

Para Carotenuro (2005), a experiência de não compreensão traz inquietamento a partir do momento em que nos sentimos únicos para o mundo. O que irá apaziguar esse inquietamento é sabermos que somos amados por um outro, também único. “A

unicidade do amado se entrecruza assim com a nossa unicidade.” (CAROTENURO, 2005, p. 32)

A nossa unicidade é o que nos traz conflito e é através do amor que retornamos às experiências originárias de união. Eros é o responsável por criar este sentimento de união ao criar movimento psíquico, estabelecer novas conexões e inserir o indivíduo em novos e desconhecidos projetos. (Ibid., 2005)

Em suas reflexões, Federico afirma que quando uma pessoa se sente verdadeiramente amada, uma perspectiva de esperança é aberta em seu coração. Porém, se ninguém o ama, o sentimento é de desespero. Para o autor, “O amor é a presença de Deus que cura a humanidade.” (DE ROSA, 2016, p. 148)

Para De Rosa (2016) ser amado está diretamente ligado a ser compreendido. O autor relata um forte desejo de ser compreendido em suas crises, agitações e modos de viver. Ao ser compreendido, ele sente esperança de que pode levar uma vida ‘normal’. “Se as pessoas me amam como sou, no meu coração nasce a esperança, se ninguém me ama, sinto que jamais poderei ter uma vida normal.” (Ibid, 2016, p. 154)

Araújo (2011) explica que esse desejo por compreensão é extremamente presente em pessoas com autismo. A ansiedade vivida pela pessoa com autismo não é causada pela separação ou pelo abandono, mas sim pelo medo gerado pela incompreensão. Essa incompreensão afeta a sobrevivência da pessoa autista, já que diz respeito ao não atendimento de suas necessidades básicas. Como a pessoa com TEA muitas vezes não é capaz de comunicar o que sente e do que precisa, a incompreensão do outro chega a ser uma ameaça para a sua própria vida.

O que a pessoa com autismo precisa, portanto, é de segurança, visto que sua própria sobrevivência se encontra em risco quando suas necessidades não podem ser atendidas. A angústia gerada pelo não atendimento de necessidade básicas, é o que irá causar as crises de desorganização. (ARAÚJO, 2011)

A falta de compreensão que De Rosa (2016) sentia fez com que se sentisse extremamente só e único. Isso trouxe o desejo de desaparecer da vida de sua família – que, em sua opinião, eram pessoas boas, as quais ele havia tirado a chance de felicidade – e apagar sua existência. Ele acreditava ter destruído a família com sua incapacidade de compreender e de se explicar.

A vida de De Rosa (2016) como uma pessoa com autismo parece ser um grande esforço em viver e compreender. No trecho a seguir, temos a transcrição de um diálogo (via computador) entre ele e seu pai, em que o autor relata sua tristeza por não conseguir alcançar a “normalidade”:

Pai: Por que às vezes você fica assim tão triste, chora ou se desespera se alguém sai de casa?

Federico: Porque me sinto triste

P: E por qual motivo você se sente triste?

F: Porque lamento a porta distante

P: O que quer dizer? O que é a porta distante?

F: Porta para entrar no mundo dos normais” (p. 125)

Ao mesmo tempo em que nossa unicidade nos faz sentir como pessoas únicas e diferentes, esta nos traz conflito, sendo através do amor que retornamos às experiências originárias de união. Eros é o responsável por criar este sentimento de união ao criar movimento psíquico, estabelecer novas conexões e inserir o indivíduo em novos e desconhecidos projetos. (CAROTENURO, 2005)

Em diversos momentos, De Rosa (2016) demonstra que tem como meta ajudar outros autistas a serem melhores incluídos na sociedade. Ele quer mostrar que o modo de comunicação neurotípico não é o único existente e que todas as pessoas excluídas podem ser recuperadas e reintegradas. Aos 13 anos, De Rosa (2016) escreve:

Com a força da amizade vou ajudar todos a melhorar. Quando todos tiverem suspendido as terapias e estiverem bem, então serei feliz. E, depois, vou organizar uma grande festa pelo fim do autismo. (p. 127)

Para Carotenuro (2005), a falta do outro habita em nós e vivemos buscando superar esta falta. Se o momento em que me encontro é de extrema dor, o outro adquire o valor de esperança, por representar a promessa de algo totalmente novo. O desejo pelo que falta é o que estimula o movimento. Essa busca nunca terá um fim, porque não importa qual resultado seja alcançado, não alcançará as expectativas.

Ao relatar seu relacionamento com as outras pessoas, ele descreve que percebia o amor do outro fortemente e que sofria por não conseguir fazer o outro entender que ele compreendia e retribuía este sentimento. Não somente o sentimento era entendido e retribuído, como foi o responsável para retirá-lo de seu exílio autístico. Segundo De Rosa (2016), “O amor de minha família, dos profissionais, dos amigos,

que acendeu em meu coração a chama da esperança e me motivou a lutar vigorosamente.” (p. 63)

De Rosa (2016) explica que para a pessoa com autismo, a relação com o outro ser humano é muito rara e preciosa. Quando era pequeno ele não conseguia compreender a convivência nem compartilhar com seus amigos. Ele relata:

Eu percebia que estavam desenvolvendo uma atividade juntos, coordenando-se em alguma coisa que a meus olhos parecia semelhante a um rito tribal, mas divertido e capaz de consolidar o espírito de grupo. Infelizmente, eu não dispunha de nenhuma estratégia para favorecer minha participação ou para somente me aproximar e atuar como espectador. O mundo dos neurotípicos me parecia inacessível. (p. 23)

Araújo (2011), explica que a incompreensão do comportamento do outro é explicada a partir de um comprometimento em adquirir a Teoria da Mente. Isto significa que a pessoa com autismo irá encontrar grandes dificuldades em atribuir estados mentais ao outro e a si mesma, o que compromete seu comportamento social. Se a pessoa com TEA não é capaz de atribuir estados mentais ao outro, conseqüentemente não conseguirá compreender motivações e prever comportamentos. Essa ‘falha’ na aquisição da Teoria da Mente também afeta a compreensão de aspectos não literais da linguagem.

Porém, o fato de não conseguir compreender e participar do ambiente social, não significa que não o queira. Em cartas que escrevia durante seu desenvolvimento, De Rosa (2016) demonstra sua grande vontade de conseguir se comunicar com seus colegas e pede a ajuda deles para sair da prisão que é o seu autismo. “Mesmo que eu pareça distraído, [...] acreditem que eu estou ali com vocês, falem e me envolvam no relacionamento com todos” (DE ROSA, 2016, p. 130)

A relação com o outro nos fascina pela promessa que o outro representa. Segundo Carotenuro (2005)

O outro existe, “e como”, e não se pode dispensá-lo. Os conteúdos daquela promessa são meus e não poderiam deixar de sê-lo; mas o outro é o seu evocador, único e insubstituível e, a partir deste momento, se torna o fiador. Por isso, não posso deixá-lo fugir; ele é demasiado precioso. (p. 65)

O encontro com o outro é marcado por diferentes subjetividades que criam algo novo. O outro é uma constante descoberta que acontece pelo encontro com o desconhecido. A partir do momento em que existe uma relação com uma pessoa

completamente única e exclusiva, é possível que se entre em contato com a própria subjetividade e essência única e exclusiva. O crescimento psicológico só se dá a partir do encontro de duas subjetividades, ou seja, “a relação se torna instrumento de um conhecimento profundo da própria condição subjetiva”. (CAROTENURO, 2005, p. 98). Este encontro é regido por Eros, que irá criar as conexões que ligam as diferentes dimensões psicológicas, dando vida e uma nova essência. (Ibid., 2005)

Seu desejo de relacionamento com o outro pode ser observado nas cartas que trocava com seus amigos. Nelas ele divide suas dificuldades e questiona se outros também passam por momentos difíceis. De Rosa (2016) é capaz de expressar sentimentos de afeto através da escrita. Em um de seus primeiros diálogos através do computador com sua mãe ele diz que ama sua família duas vezes. Conforme sua habilidade de escrita evolui ele consegue escrever reflexões mais profundas e complexas.

Grande parte do que De Rosa (2016) escreve é em prol de seus amigos e seu livro é dedicado aos seus pais. Nas palavras do autor: “Vocês salvaram a minha vida e eu, simplesmente, gosto muito de vocês.” (DE ROSA, 2016, p. 181)

Para Federico, por sua família ter acreditado que o amor poderia ter sido maior e mais forte do que seu autismo, hoje ele acredita que o amor seja a maior dimensão da vida, por ter experimentado o sentimento em sua pele. Para o autor, o amor cura e abre para a esperança. Ele afirma que “Se deixarmos de amar, a vida pára e se petrifica, mas, se continuamos a amar, estamos só no começo” (DE ROSA, 2016, p. 157)

Se relacionar implica em mudança. Para o autista talvez isso seja tão difícil já que este é regido pela égide patriarcal. Segundo Whitmont (1982), o ego patriarcal irá desejar que a vida se mantenha sempre imutável, sendo compelido a destruir tudo o que se colocar no caminho de sua segurança. A identidade é assentada na “ilusão da mesmice, da estabilidade psíquica e da permanência” (Ibid., 1982, p. 32)

O relacionamento com o outro é fundamental para o processo de individuação. Penna (2013) define *processo de individuação* como: “um processo gradual e constante de integrar aspectos do inconsciente à consciência e simultaneamente integrar-se à comunidade humana.” (p. 162)

Por mais que este processo seja interno, também se leva em consideração o mundo externo. Por isso é fundamental a diferenciação entre individuação e

individualidade, já que com a integração dos conteúdos inconscientes o sujeito será capaz de tornar-se uma pessoa autêntica ao mesmo tempo em que compartilha do mundo com os outros. O aspecto coletivo do processo de individuação é fundamental, não podendo ser realizado em isolamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de ter sido considerado um transtorno apenas em 1980, no DSM-III, casos de pessoas com características inusitadas que se encaixariam no Transtorno do Espectro Autista são relatados desde 1800. Atualmente a nomenclatura para diagnóstico é TEA e os sujeitos são diagnosticados conforme nível de gravidade. Os primeiros sintomas do TEA aparecem antes dos 36 meses de idade e são divididas em três categorias: interação social prejudicada, dificuldade na comunicação social e padrões repetitivos de comportamento.

Para Psicologia Analítica, o TEA acontece a partir de uma ferida que impede a criança de conectar-se com o arquétipo da Grande Mãe, constelando a imagem arquetípica da Mãe Terrível. Esta ferida causa danos profundos no desenvolvimento da personalidade e constela a imagem arquetípica do Caos Primordial (ou Inferno).

Com um ano de idade, no auge da relação primal, a capacidade de interação com a realidade de Federico de Rosa começou a desaparecer e ele foi, aos poucos, desaprendendo a interceptar olhares e demonstrar interesse pelo que acontece ao seu redor. O que ocorre é uma perda de contato com o mundo externo e uma vivência da relação primal caótica.

A vivência arquetípica do Inferno é marcada pela fome, dor, desamparo e solidão. De Rosa conta que ser autista é uma experiência existencial e aterrorizante o tempo todo, uma prisão no incompreensível. Por muito tempo não compreendia nada e vivia em um constante estado de pânico.

O principal meio que Federico encontra para conseguir comunicar o que sentia é através da escrita. Esta surge na sua vida como organizadora psíquica, como algo da ordem do paterno que o convoca ao registro simbólico. A partir disso, De Rosa consegue expressar seus sentimentos em relação aos seus familiares, amigos e começar a ser compreendido.

Frequentemente o autor relata uma busca por um tipo de relação em que a comunicação não necessitaria de palavras e que a percepção do outro ocorreria por outra via espiritual. Este tipo de relação se assemelha a uma relação entre inconscientes, guiada pela participação mística, ou seja, a comunicação entre psiques transcende os limites do interno, abarcando o externo.

O sentimento de unidade propiciado pela participação mística é evidenciado na luta de De Rosa para que todos os seres humanos, sem exceção, sejam incluídos e amados pela sociedade.

Este é um modo de pensar extremamente valioso para o mundo em que vivemos hoje. Cada dia mais vemos pessoas sofrendo com preconceito, exclusão, discriminação e rejeição pelo simples fato de serem quem são. O que Federico sugere é que todos sejam aceitos em seus modos únicos de ser. Nessa proposta podemos notar uma entrega total ao objeto. Cabe a nós nos perguntarmos se essa entrega total ao objeto seria realmente tão prejudicial e o que seria pior: total entrega ao objeto ou nenhuma entrega ao objeto?

No processo de individuação, de modo geral, combinamos o mundo interno e o mundo externo. Temos que lidar com conteúdos que vêm da profundidade dos inconscientes pessoal e coletivo e também com a vida na matéria. A individuação engloba estes dois meios, porém como sociedade moderna, damos muito mais valor a conquista do meio externo e menos atenção ao meio interno. Eventualmente isso nos gera sintomas, neuroses, doenças psicossomáticas, entre outros.

O autista, porém, tem uma capacidade (pela *participation mystique*) de um contato com a realidade mediado pelo seu mundo interno, a separação e a diferenciação estão menos claras. Isso muitas vezes é um problema, já que para a individuação é necessário a decodificação do mundo externo. Porém, o autista possui a capacidade de conseguir absorver aspectos do outro e do mundo que não são ditas ou discriminadas.

Essa é a riqueza da comunicação entre inconscientes, da sensibilidade de quem tem autismo. Se o indivíduo consegue trabalhar isso, essa característica pode ser muito interessante em uma sociedade patriarcal guiada pela ciência e pela explicação. Com um aprendizado técnico, uma pessoa no espectro poderia se tornar um artista ou até um psicólogo Junguiano, profissões que exigem a sensibilidade de ter um maior contato com o inconsciente.

É importante que Federico aprenda a lidar com a própria indiscriminação, mas não é necessário que o modo de ver o mundo dele seja alterado, focando em discriminar totalmente os objetos. Ao fazer isso estaríamos destruindo um modo de pensar único e muito valioso. Se Federico conseguir administrar a própria indiscriminação de modo que esta não o traga sofrimento ou crises ansiogênicas, o

modo como ele pensa só teria a contribuir para a sociedade moderna. Federico é capaz de enxergar coisas que outras pessoas não são capazes. Seria muito mais rico para a sociedade valorizar o seu modo de ser e aprender com ele, do que tentar mudá-lo.

De Rosa afirma em vários momentos que foi o amor que recebeu das pessoas ao seu redor que o ajudou a superar o seu autismo e suas limitações. Porém, ao mesmo tempo em que valoriza o amor recebido, demonstra extrema dificuldade para compreender os relacionamentos e emoções.

A vida de De Rosa como autista é um grande esforço em viver e compreender. Por mais que percebesse o amor do outro por ele, sofria por não conseguir mostrar que retribuía o sentimento. Não conseguir demonstrar seus sentimentos e participar do ambiente social não significa que ele não queira. Em diversos momentos o autor pede ajuda para sair da prisão que é o seu autismo.

Federico descreve algumas atitudes que podem ajudar a deixar o mundo de quem tem autismo menos difícil. Apesar dos autistas serem diferentes, algumas atitudes podem ser válidas para todos. Atitudes como: evitar ambientes barulhentos, que causam grande sofrimento; procurar passar informações de modo simples e devagar, levando em consideração a dificuldade para decodificar a comunicação; manter a calma em situações de ansiedade, para que a situação não se torne mais ansiogênica ainda.

A relação de De Rosa com o outro é ambígua. Por mais que seja afetado pelos relacionamentos e por Eros, não consegue exteriorizar isso, não consegue mostrar o que sente. Porém, com o passar do tempo, ele consegue sair do exílio em que vivia. Somente através do relacionamento com o outro que isso é possível, já que o outro é fundamental para o processo de individuação. O aspecto coletivo é extremamente importante para que ocorra o processo de individuação, não podendo ser realizado em isolamento. No caso de De Rosa foi necessária insistência e paciência, mas o relacionamento humano é tão importante para ele quanto para uma pessoa neurotípica.

Federico relata a necessidade que tem de entendimento pela parte dos outros. A complexidade trazida pelas relações humanas e a dificuldade para se comunicar acabam tendo como consequência o isolamento autístico. Porém, o isolamento social acontece pelo medo de ser incapaz de se comunicar e não por uma vontade de ficar

sozinho. Muito pelo contrário, o que Federico relata é uma vontade de conseguir falar com seus colegas, de expressar sua gratidão a sua família e dizer o quanto gosta de seus amigos. O isolamento autístico é um aprisionamento do qual o autista deseja desesperadamente se libertar, não havendo o desejo de viver isoladamente. São relatados muitos esforços para a inserção no mundo social, porém o sentimento de sentir-se incompreendido pelo mundo causa uma imensa tristeza e extrema solidão. Por isso é importante e ele pede para que o entendam e o ajudem a administrar sua ansiedade.

Por fim é importante ressaltar dois pontos. O primeiro é que por mais que a proposta deste trabalho seja reconhecer e valorizar o pensamento de Federico de Rosa, que possivelmente abrange outros autistas, não devemos romantizar este transtorno. O autismo, em diferentes graus, causa muito sofrimento tanto para quem vive a doença quanto para a sua família. É fundamental que as diferentes esferas da sociedade estejam preparadas para dar suporte para esses indivíduos e suas famílias e tornar o mundo cada vez mais inclusivo e acessível, diminuindo o sofrimento causado pelo transtorno.

O segundo ponto é retomar que o trabalho foi uma interpretação livre a partir do que o autor traz no livro. Essa interpretação, apesar de ser baseada em conceitos da Psicologia Analítica, não segue uma teoria pré-existente sobre o TEA e seu funcionamento. O que foi investigado neste trabalho foi a vivência de uma pessoa específica como autista. Este é um caso peculiar e bem assistido, o que implica que a vivência dele pode ser observada e nos acrescentar muito na compreensão do que é ser autista, mas não pode ser generalizada para todos os diferentes casos que compõem o TEA.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. 992p.

ARAÚJO, Ceres Alves de. **O Processo de Individuação no Autismo**. São Paulo: Memnom, 2000. 102 p.

_____, Ceres Alves de. Psicologia e os Transtornos do Espectro do Autismo. In: SCHWARTZMAN, J. S.; ARAUJO, C. A. **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2011. Cap. 12, p. 173-201.

BIALER, Marina. A LÓGICA DO AUTISMO: UMA ANÁLISE ATRAVÉS DA AUTOBIOGRAFIA DE UM AUTISTA. **Psicol. estud.**, Maringá , v. 19, n. 4, p. 645-655, Dec. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000400645&lng=en&nrm=iso>. access on 13 May 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722374307>.

CAROTENURO, Aldo. **Eros e Pathos: Amor e sofrimento**. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

DE CASTRO, Consuelo. et al. **Dicionário de Mitologia Greco-Romana**. 2ª. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

DE ROSA, Federico de. **O que eu nunca disse antes: Eu, meu autismo e no que acredito**. São Paulo: Paulinas, 2016

DONVAN, John; ZUCKER, Caren. **In a Different Key: The Story Of Autism**. USA: Crown, 2016. 688 p.

ENGELHARD, Suely. **Autismo: Uma Abordagem Arquetípica**. 1990. 0 f. Monografia (Especialização) - Curso de Psicologia, Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, Rio de Janeiro, 1990.

JUNG, Carl Gustav. **Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____, Carl Gustav. **O desenvolvimento da personalidade**. Petrópolis: Editora Vozes, 1981. Tradução: Frei Valdemar do Amaral.

_____, Carl Gustav. **The Structure and Dynamics of the Psyche**. 2º. ed. New York: Routledge, 1960.

_____, Carl Gustav. **Two Essays on Analytical Psychology**. 2ª. ed. London: Routledge, 1966.

_____, Carl Gustav. **The Visions Seminars**. 1º. ed. S. I.: Spring Publications, 1976.

_____, Carl Gustav. **A Vida Simbólica**. Petrópolis: Vozes, v. 18/1, 1981.

_____, Carl Gustav. **Tipos Psicológicos**. Petrópolis: Vozes, v. 6, 1991.

_____, Carl Gustav.; WILHELM, R. **O Segredo da Flor de Ouro: um livro de vida chinês**. 13ª. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

_____, C. G. **Psicologia do Inconsciente**. Tradução de Maria Luiza Appy. Petrópolis: Vozes, v. VII/1, 1987.

LAPLANCHE, Jean.; PONTALIS, Jean-Bertrand. **Vocabulário da Psicanálise**. 4ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MATTOON, Mary Ann. **Jungian Psychology in Perspective**. New York: The Free Press, 1985.

NEUMANN, Erich. **A Criança: Estrutura e Dinâmica da Personalidade em Desenvolvimento desde o Início de sua Formação**. São Paulo: Cultrix, 1980. Tradução de Pedro Ratis e Silva.

PENNA, Eloisa Marques Damasco. **Epistemologia e Método na Obra de C. G. Jung**. São Paulo : Educ, 2013.

RAMOS, Luis Marcelo Alves. Os tipos psicológicos na psicologia analítica de Carl Gustav Jung e o inventário de personalidade "Myers-Briggs Type Indicator (MBTI)": contribuições para a psicologia educacional, organizacional e clínica. **Educação Temática Digital**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 137-180, novembro 2008. ISSN ISSN 1676-2592.

ROSENBERG, Raymond. História do autismo no mundo. In: SCHWARTZMAN, José Salomão.; ARAÚJO, Ceres Alves de. **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2011. Cap. 1, p. 19-26.

SAMUELS, Andrew. **Jung e os Pós-Junguianos**. Tradução de Eva Lucia Salm. Rio de Janeiro: Imago, 1989.

_____, Andrew; SHORTER, Bani; PLAUT, Alfred. **Dicionário Crítico de Análise Junguiana**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1988.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves de. **Transtornos do Espectro do Autismo**. São Paulo: Memnon, 2011.

STEIN, Murray. **Jung O Mapa da Alma**. São Paulo: Editora Cultrix, 2000.

SURIAN, Luca. **Autismo: Informações Essenciais para Familiares, Educadores e Profissionais da Saúde**. São Paulo: Paulinas, 2010.

VANA, R. J. **Projective Identification and Participation Mystique**. Northampton: Smith College School for Social Work, 1986. Mestrado em Serviço Social.